

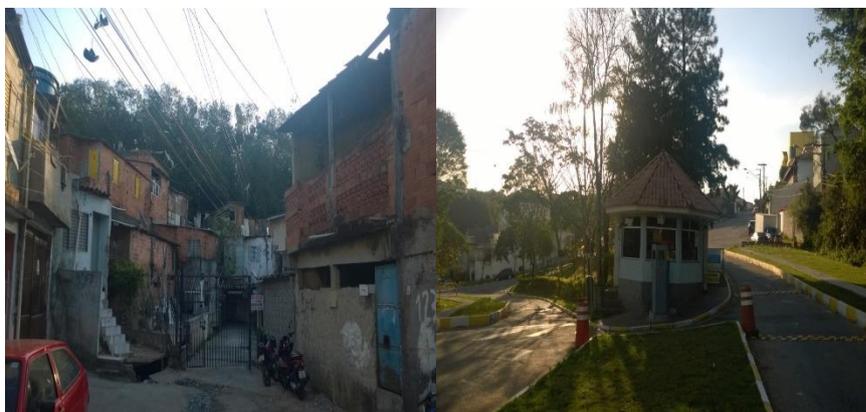
Trilhando o ritmo sertanejo

Dayane Maria de Oliveira Portapila

E.E. Samuel Klabin

O contexto

A Escola Estadual Samuel Klabin se localiza na região centro-oeste de São Paulo. Situada na fronteira entre um bairro popular e um condomínio de alto padrão. Pela manhã oferece o Ciclo II do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e à tarde são os alunos do Ciclo I (1º ao 5º ano).



A escola possui nove salas de aula, sendo que apenas oito estão em uso, laboratório de informática, sala de leitura, uma quadra poliesportiva, três salas para a diretoria e uma sala para os professores. Tanto o laboratório de informática, quanto a sala de leitura não estavam acessíveis ao uso dos professores ou alunos durante a realização do projeto. Os espaços possíveis de serem utilizados eram a quadra, uma sala vazia, pátio e a sala de vídeo. A escola possuía cordas, petecas e algumas bolas.

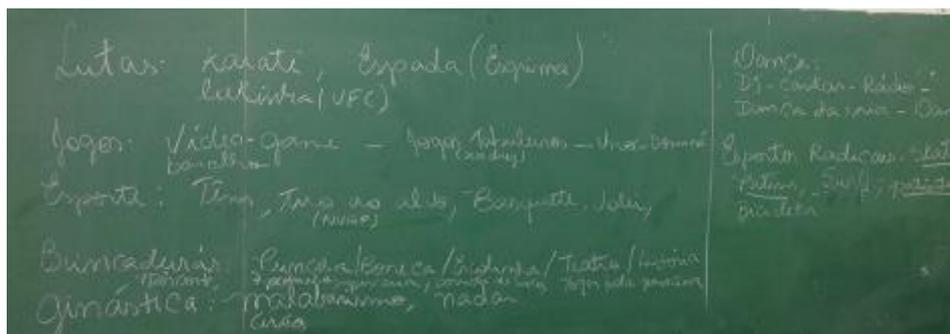
Nas proximidades, os espaços para brincar são um terreno para jogar futebol; uma praça com quadra e aparelhos de ginástica, um parque com brinquedos no condomínio nobre perto do bairro e uma quadra aberta a população local. Além disso, algumas crianças relataram que frequentam instituições no contraturno: Associação Brasil Itália, Centro de Crianças e Adolescentes, Centro Educacional Unificado Butantã, Centro Educacional Unificado Vila Atlântica, Centro da Juventude (CJ) e a Escolinha de Futebol do Corinthians.

E agora, qual prática corporal?

O projeto ocorreu com três turmas dos 4ºanos. Com o intuito de selecionar a prática corporal a ser tematizada, os alunos, organizados em pequenos grupos, fizeram recortes, colaram em cartazes e apresentaram à turma, o que eles acreditavam que seria possível realizar nas aulas de Educação Física.



Na medida em que as crianças mencionavam as práticas corporais, nós as classificávamos em lutas, brincadeiras, ginásticas, danças e esportes variados, registrando-as na lousa.



Na sequência, fizemos um cartaz com todos esses temas e as crianças sinalizaram aquele que gostariam de estudar. Nos grupos em que predominavam as meninas, a dança ganhou destaque. Como nos semestres anteriores havíamos tematizado brincadeiras e esportes culturalmente significados como masculinos, seguindo o princípio da justiça curricular definimos que tematizaríamos a dança.



Agora, vamos dançar o quê?

Para escolhermos o estilo, convidamos os alunos a gravarem e trazerem à escola as músicas que conheciam. Promovemos algumas vivências de pop, pop rock, sertanejo, pagode, samba, funk e rock. O sertanejo foi mencionado em todas as turmas, provavelmente devido à sua disseminação nas mídias. Durante as vivências alguns dançavam, mas a maioria não se sentia confortável neste primeiro momento com a dança.



No decorrer do projeto, apesar da resistência de alguns que chutavam e empurravam, a participação nas vivências cresceu.



Em função das curiosidades que surgiram a respeito do sertanejo, propusemos a elaboração de um roteiro em função dos seus interesses.



De tudo o que apareceu, conversamos e chegamos às questões principais: onde surgiu o sertanejo? Por que é tão presente na mídia? Por que não se questiona como a mulher é vista? Por que o sertanejo é aceito e o funk não, já que há letras idênticas e o que muda é o ritmo? Para promover as discussões, organizamos a assistência a vídeos que mostram como a dança sertaneja se constituiu histórica e socialmente, além de suas transformações.

Uma das histórias narra sua origem em Tietê (SP), com Cornélio Pires, e vai se tornando um produto comercial, as contribuições dos cantores e duplas. Fala dos enredos/sentimentos das músicas e de suas influências (mexicana, dos rodeios e do marketing), da mudança do eixo agrário para o urbano, dos efeitos da globalização sobre as culturas locais.

O outro vídeo apresentava a música sertaneja como um armário e a música caipira como uma gaveta, que surgiu a partir da viola que os padres jesuítas utilizavam para atrair os índios. A música sertaneja surge no sudeste do país, partindo de São Paulo, passando por Minas e Goiás e se misturando às músicas nordestinas. Questiona a visão romântica da formação de duplas na roça, que aprendiam com seus familiares. Expandiu-se com o Chitãozinho & Xororó, influenciados pela música paraguaia, e a comercialização dos seus produtos até as suas atuais versões.

Os vídeos estimularam discussões interessantes e permitiram responder algumas das perguntas do roteiro e enveredaram por outros conteúdos como a vida dos cantores, das duplas sertanejas, as músicas conhecidas, a questão de gênero, que homens e mulheres podem cantar e gays e lésbicas também.

Mas a resistência em relação às vivências prosseguia; “tem sanfonas e berrantes no sítio do meu avô, meu pai gosta de sertanejo, mas eu não”. Enquanto isso, outros alunos traziam

passos que já conheciam ou pediram para aos familiares que os ensinassem. A partir daí, criavam coreografias inspirando-se nos vídeos que mostravam danças agitadas, lentas, com giros, sem giros, nos bailes em frente a igrejas e nas baladas de diferentes épocas.

Percebendo a existência de sertanejos distintos, uma aluna perguntou: “quais são os tipos de sertanejo? Repeti a pergunta à turma, que respondeu bom base nas músicas ouvidas: arrocha: *Pantera cor de rosa*; universitário: *Camaro amarelo*; romântico: *Tudo o que você disser*; ostentação: *Camaro amarelo*.

Após pesquisar o assunto, notamos que não existe um sertanejo ostentação, mas que no clipe o cantor ostenta o automóvel. Verificamos que o arrocha está contido no universitário e que existe o sertanejo de raiz, que todos os tipos falam sobre coisas das vidas das pessoas, sobre seu contexto social. Traçamos uma linha do tempo mostrando como o sertanejo se modificou e como seria difícil elaborar uma classificação. Discutimos sobre os instrumentos que utilizam, as influências musicais e seus contextos sociais, entrelaçando com os vídeos assistidos anteriormente. Buscamos apoio na obra, *De caipira a universitário*, de Edvan Antunes. O autor explica a emergência do estilo e sua transformação de caipira a universitário, passando por raiz e romântico. Também a questão da mulher na música e as principais cantoras que penetraram num universo exclusivamente masculino.

Em certo momento das vivências, eclodiu a ideia de apresentações para os 1º e 2º anos. Teríamos que pensar em coreografias: “e agora professora, dança junto ou dança separado?” Seleccionamos imagens em que as pessoas dançavam sertanejo em duplas, sozinhas, em grupo e com vestimentas diferentes, e convidamos a turma a analisá-las e identificar suas características. As fotografias representavam “uma festa junina porque as roupas são exageradas”, “nessa, eles dançam country, por causa do chapéu, cintão”, “essa é uma apresentação” entre outras.



Para problematizar a postura de alguns meninos que continuavam chutando e empurrando, apresentamos vídeos de baladas extraídos do YouTube. “Quem não dança faz

o que? Fica empurrando e chutando?” “Não professora, se fizer isso é expulso”. Outros disseram que isso acontece para não atrapalhar quem está dançando porque pode machucar alguém. “Quem não dança fica sentado”.

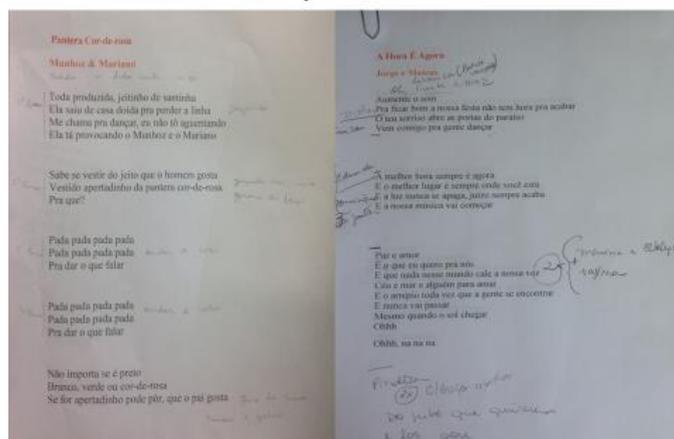
Os alunos que estavam empurrando questionaram: “o que eu posso fazer? Não quero ficar sentado e não quero dançar.” Apresentando a questão à turma, um aluno que fazia dança no Centro da Juventude sugeriu: “pode ser figurinista ou coreógrafo, precisamos de alguém para anotar o que estamos fazendo”. Fizemos uma lista com as várias funções da apresentação e os alunos se inscreveram naquilo que tinham mais interesse.



Escutamos as músicas, tentamos encaixá-las na classificação proposta por Antunes, analisamos seus contextos de surgimento, influências, intérpretes e instrumentos utilizados. Cada grupo ficou livre para a escolha e iniciamos a criação de coreografias. Houve turma em que todos dançaram em duplas, em outra aos pares e, na terceira, misturaram as duas configurações.

Na turma que fizeram duplas, houve muito conflito para essa escolha, mas ao final das discussões e da retomada das atividades em que homens fizeram duplas e mulheres também, o problema desapareceu. Constataram que poderiam dançar com quem quisessem, o que abriu espaço para duplas mistas, de menino com menino ou menina com menina. Naquelas ocasiões em que a coreografia exigia duplas, criaram-se gestos para incluir aqueles que preferiam dançar em separado. Os coreógrafos e quem fazia o registro das aulas se organizaram e posicionaram cada aluno na apresentação. Os figurinistas se responsabilizaram pela preparação dos trajes. Ninguém ficou de fora por não ter vestimentas.

Encaixando os passos nas músicas



Na data combinada para apresentar às crianças das turmas menores, todos dançaram, até os alunos que desde o início disseram que não queriam. Se deram conta que não precisavam ser habilidosos.

Finalizando o projeto, assistimos ao filme *Dois filhos de Francisco* que, de certa forma, proporcionou a retomada do percurso realizado. A produção relata a história da dupla sertaneja Zezé Di Camargo & Luciano, cujo enredo se aproxima de audiovisuais acessados durante os trabalhos, ao remeter-se ao contexto em que o sertanejo ganha força e retrata as festas, as mudanças, as vestimentas, os instrumentos, as influências musicais, entre outros.

Muitos alunos se identificaram com as questões de classe social que o vídeo explora. Nas cenas de violência, os alunos se expressaram da seguinte maneira: “parece a Polícia lá perto de casa”. E a morte de um dos irmãos desencadeou a revolta dos estudantes porque se viram no menino não queria sair em turnê para sustentar a família.

Também criticaram um comercial de uma rede de telefonia que induz o telespectador a pensar que a dupla sertaneja ganhou dinheiro em um sorteio, “aquilo não é verdade professora”.

Assistência do filme “Dois Filhos de Francisco”



Os registros da trajetória tiveram papel primordial, pois permitiram a reelaboração constante do caminho. A análise das fotos, do caderno de anotações, das produções dos alunos, das imagens e textos do Evernote¹ e das imagens da apresentação da dança, dá visibilidade à trilha percorrida mediante o entrelaçamento de conhecimentos, vozes e significações de meninas, meninos e professora.

Materiais de consulta para realização do projeto

ANTUNES, E. **De caipira a universitário**. São Paulo: Editora Matrix, 2012.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**: críticas e alternativas. São Paulo: Phorte Editora, 2006.

Nestes versos part 1: https://www.youtube.com/watch?v=0EtUyuFA_NE

Nestes versos part 2: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZnOmk8NNng>

Nestes versos part 3: https://www.youtube.com/watch?v=EvSbWTREa_U

História da Música Sertaneja: https://www.youtube.com/watch?v=xPI_2YDcTnk

História da música Sertaneja: https://www.youtube.com/watch?v=_RnaXva7m2g

Treinando Sertanejo Universitário 1: <https://www.youtube.com/watch?v=FhD4Zz8oSSY>

Comercial: <https://www.youtube.com/watch?v=XcRJLYKaVxk>

Aula na balada: <https://www.youtube.com/watch?v=O5wzjob0BVM>

¹ Evernote é um software, um bloco de notas destinado à organização de informações, que fica em nuvem e pode ser sincronizado com vários dispositivos (smatphone, tablet, desktop, web etc.)